

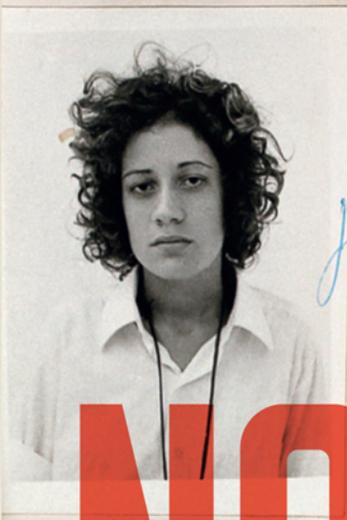
Es. *[Handwritten]*  
ESCRIVÃO

SIM-  
000291

FICHA DE QUALIFICAÇÃO



*[Handwritten signature]*



*[Handwritten signature]*

# EM NOME DOS PAIS

NOME: MIRIAM AZEVEDO DE ALMEIDA LEITÃO  
CODINOME: "AMÉLIA"  
FILIAÇÃO: Uriel de Almeida Leitão  
Mariana Azevedo de Almeida Leitão

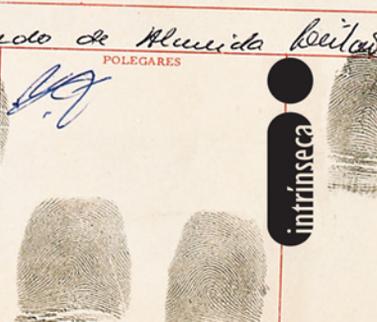
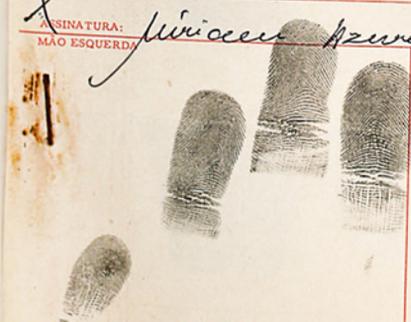
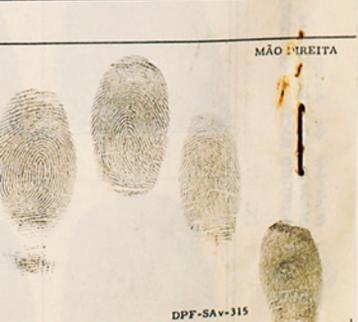
DATA DE NASCIMENTO: 07 de abril de 1953  
NATURALIDADE: Caratinga- MG  
ESTADO CIVIL: Solteira  
PROFISSÃO: Estudante do 1º Ano de Filosofia  
RESIDÊNCIA: Morro da Fonte Grande, snº - Vit  
OUTROS DADOS: Vive maritalmente com MARCELO A  
Integrante do IC do B - Fac. de

ória-ES

AZEVEDO DE ALMEIDA LEITÃO  
e militante de Base na Pa-

## MATHEUS LEITÃO

PESQUISA | DATA | CLASSIFICADOR | PESQUISA  
MIRIAM AZEVEDO DE ALMEIDA LEITÃO



SINATURA: *[Handwritten signature]*  
MÃO ESQUERDA

intrínseca



-STP-  
000291

-STP-  
~~000291~~

FL. ~~1/1~~  
*[Handwritten signature]*

FICHA DE QUALIFICAÇÃO



*Jualatz*



*Jualatz*

NOME: MIRIAM AZEVEDO DE ALMEIDA LEITÃO  
 CODINOME: "AMÉLIA"  
 FILIAÇÃO: Uriel de Almeida Leitão  
                   Mariana Azevedo de Almeida Leitão  
 DATA DE NASCIMENTO: 07 de abril de 1953  
 NATURALIDADE: Caratinga- MG  
 ESTADO CIVIL: Solteira  
 PROFISSÃO: Estudante do 1º Ano de Filosofia  
 RESIDÊNCIA: Morro da Fonte Grande, snº - Vitória-ES  
 OUTROS DADOS: Vive maritalmente com MARCELO AMORIM NETO "MATEUS"  
                   Integrante do PC do B - Fac. de Filosofia

*Jualatz*

ORIGEM	DATA	CLASSIFICADOR	PESQUISADOR	R. GERAL
NOME: MIRIAM AZEVEDO DE ALMEIDA LEITÃO				
SIGNATURA: <i>Miriam Azevedo de Almeida Leitão</i>				
MÃO ESQUERDA		POLEGARES	MÃO DIREITA	

500288

Es. *[Handwritten]*  
ESCRIVAO

FICHA DE QUALIFICAÇÃO



*Juliano*



*Juliano*

NOME: MARCELO AMORIM NETO

CODINOME: "MATEUS"

FILIAÇÃO: Wolgano Neto

Maria da Natividade Amorim Neto

DATA DE NASCIMENTO: 06 de junho de 1950

NATURALIDADE: Vitória-ES

ESTADO CIVIL: SOLTEIRO

PROFISSÃO: Estudante do 4º Ano de Medicina

RESIDÊNCIA: Escadaria da Piedade, 49 - Vitória-ES

OUTROS DADOS: Vive maritalmente com MIRIAM AZEVEDO DE ALMEIDA LEITÃO Integrante do CR do PC do B e militante de Base na Faculdade de Medicina.

Obs. Usa óculos de grau.

*Juliano*

ORIGEM	DATA	CLASSIFICADOR	PESQUISADOR	R. GERAL
NOME: <b>MARCELO AMORIM NETTO</b>				
X ASSINATURA: <i>Marcelo Amorim Netto</i>				
MÃO ESQUERDA	POLGARES		MÃO DIREITA	
DPF-SAV-315				

# EM NOME DOS PAIS

MATHEUS LEITÃO



**DR. MIRANDA**

# PRÊSO

1<sup>o</sup> VOLUME

19 73

## JUSTIÇA MILITAR

1.a AUDITORIA DE AERONÁUTICA DA 1.a C. J. M.

N. 40/72

*Dr. Miranda*

SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR  
 PROTOCOLO N. 6766  
 Fls. N. \_\_\_\_\_  
 Em 11 de 1974

ESCRIVÃO

JUIZ AUDITOR

Dr. MARINHO DE MATTOS

Dr. TEÓCRITO RODRIGUES DE MIRANDA

ACUSADOS: 1) FODES DOS SANTOS, 2) JORGE LUIZ DE SOUZA, 3) ANTONIO WALTER MORESCHI, 4) JOSE FERTE FRANCISCHETO, 5) OLNEI CAMPANHÁ ROZEIRA, 6) ANTONIO CARLOS DE CAMPOS, 7) DINES ROZICHINI BRAGA, 8) MARCELO AMORIM NETTO, 9) ADRIANO SISTERNAS, 10) GUSTAVO PEREIRA / O VARE NETTO, 11) JOSÉ WILLIAM SARANDY, 12) ANGELA MILANEZ CAETANO, 13) MARIA AUXILIADORA PEREIRA GAMA, 14) MIRIAM AZEVEDO DE ALMEIDA NETTÃO, 15) SEBASTIÃO LIMA NASCIMENTO, 16) JOAQUIM PATRICIO FILHO, 17) HERMINIO ANGELO NATALI, 18) ELIZABETH SANTOS ROZEIRA, 19) MARIA MAGDALENA FRECHIANI, 20) LUZIMAR NOROESIRA DIAS, 21) GUILHERME LARA NETTO, 22) MARCUS LIRA BRANDÃO, 23) LUIZ CARLOS GARCIA GEMELLI, 24) CARLOS ALBERTO OZOLINO DE AGUIAR, 25) IRAN CAETANO, 26) JOÃO GALATRONI, 27) JOSÉ MAURILIO PATRICIO e 28) JUVENILHO UBALDO BONFIN.

ART. 14: 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>, 3<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup>, 7<sup>o</sup>, 8<sup>o</sup>, 10<sup>o</sup>, 13<sup>o</sup>, 14<sup>o</sup>, 15<sup>o</sup> e 25 acusados incurso nos arts 14 e 45 incisos I e II; 5<sup>o</sup>, 6<sup>o</sup>, 9<sup>o</sup>, 11<sup>o</sup>, 12<sup>o</sup>, 20<sup>o</sup>, 21<sup>o</sup>, 22<sup>o</sup> e 23<sup>o</sup> acusados nos arts 14 e 45 inciso I; 16<sup>o</sup> acusado nos arts 14 e 45 inciso II; 17<sup>o</sup>, 18<sup>o</sup>, 19<sup>o</sup>, 24, 25, 27 e 28<sup>o</sup> acusados no artigo 14, tudo do Decreto-lei nº 898/29.09.69.

### AUTUAÇÃO

Aos NOVE dias do mês de ABRIL do ano de 1973 noventa e SETENTA E TRÊS, nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, em meu cartório, autuo o INQUÉRITO POLICIAL MILITAR em anexo e segue; do que, para constar, lavro este termo.

*Teóclito Rodrigues de Miranda*  
 Escrivão

**PARA MARCELO E MÍRIAM.  
PARA A GERAÇÃO DE MEUS PAIS.**



[...]

ASSIM VI A FEDERICO  
ENTRE DOIS CANOS DE ARMA  
A FITAR-ME ESTRANHAMENTE  
COMO QUERENDO FALAR-ME.  
HOJE SEI QUE TEVE MEDO  
DIANTE DO INESPERADO  
E FOI MAIOR SEU MARTÍRIO  
DO QUE A TORTURA DA CARNE.  
HOJE SEI QUE TEVE MEDO  
MAS SEI QUE NÃO FOI COVARDE  
PELA CURIOSA MANEIRA  
COM QUE DE LONGE ME OLHAVA  
COMO QUEM ME DIZ: A MORTE  
É SEMPRE DESAGRADÁVEL  
MAS ANTES MORRER CIENTE  
DO QUE VIVER ENGANADO.

[...]

TRECHO DE "A MORTE DE MADRUGADA", DE VINICIUS DE MORAES  
HOMENAGEM AO POETA FEDERICO GARCÍA LORCA

-STM-

000075

115.  
-STI-  
600075

MANDADO DE PRISÃO

JOSE MARIA ALVES PEREIRA, Major, Encarregado do IPM instaurado por determinação do Senhor Tenente Coronel Comandante do 3º Batalhão de Caçadores, conforme Portaria nº 01/72, nos / termos do artigo 59 e seus paragrafos do Dec- Lei nº 898, de 29 Set 69- LEI DE SEGURANÇA / NACIONAL, combinado com o artigo 225, do Cód- igo de Processo Penal Militar,

MANDA à Divisão de Polícia Federal a quem for este apresentado, indo / por mim assinado, que em seu cumprimento, prenda e recolha ao 3º Bata- lhão de Caçadores, a indicada MIRIAM AZEVEDO DE ALMEIDA LEITÃO, filha de Uriel de Almeida Leitão e de Mariana Azevedo de Almeida Leitão, nas- cida em 07 de abril de 1953, natural do Estado de Minas Gerais, por / 30 (trinta) dias, durante as investigações policiais, pela prática de atividades subversivas ligadas à organização Partido Comunista do Bra- sil (Pc do B), estando sujeita, pois, às sanções da Lei de Segurança/ Nacional. O que se cumpra sob as penas da Lei. Vila Velha, ES, em 30 de novembro de 1.972. EU Daniilo Junger Goulart. DANILO JUNGER GOULART, 2º Sargento, servindo de Escrivão, o escrevi.

Daniilo Junger Goulart  
JOSE MARIA ALVES PEREIRA-Major,  
Encarregado do IPM.- Enc IPM

Recebi uma das vias

Em 03 de Dez de 1972

Miriam Azevedo de Almeida  
Indicada

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13

## PARTE I

1. *MATEUS* 19
2. PEITO DE POMBO 22
3. O TEMPO DA RADICALIZAÇÃO 27
4. A REORGANIZAÇÃO DA LUTA ESQUERDISTA 30
5. E AGORA, ZÉ, ONDE VOCÊ ESTÁ? 40
6. O AMOR EM TEMPOS DE GUERRILHA 45
7. SEGUINDO RASTROS NO ARAGUAIA 51
8. PESADELO 56
9. ARQUIVO Nº 40.640 59
10. XADREZ IMAGINÁRIO 67
11. O DEDO-DURO ESTAVA TRANQUILO 74
12. “TORTURADO ANTES DE NASCER” 81
13. ERA TEMPO DE ACORDAR 84
14. A FOGUEIRA NA NOITE DO MORRO 89
15. PRISÃO A CAMINHO DO MAR 94

16. RONDA NOTURNA PELO PASSADO **101**
17. “LIBERDADE, ONDE TÁ OCÊ, LIBERDADE?” **105**
18. O MEU 3 DE DEZEMBRO **112**
19. A OVELHA SEGUE O PASTOR **119**
20. FRENTE A FRENTE COM O DELATOR **125**
21. “EU JÁ ESTAVA TE ESPERANDO” **129**
22. MATERIALISMO E FÉ **143**
23. “JESUS WALKS” **152**
24. “ISSO NÃO É CÂNCER” **156**
25. UMA INESPERADA FESTA NO FORTE **160**
26. “JAMAIS CEAREI NESTA MESA” **164**

## **PARTE 2**

27. TEATRO DE HORRORES **171**
28. FELICIDADE CONTRA TODAS AS PREVISÕES **174**
29. A TORTURA, A ANGÚSTIA E AS AMEAÇAS DE MORTE **177**
30. A FUGA NUM FUSCA AMARELO **182**
31. MINISTRO DO EVANGELHO **184**
32. VOCÊ MATARÁ MEUS FILHOS? **191**
33. NO AR RAREFEITO **194**
34. NOVE MESES NUMA SOLITÁRIA DA VILA MILITAR **200**
35. GREVE DE FOME DE QUATRO DIAS **215**
36. O REENCONTRO ENTRE A VÍTIMA E O ALGOZ **220**
37. EM BUSCA DO CAPITÃO GUILHERME **229**
38. “ESSA AVENTURA PODE SER ÚTIL PARA VOCÊ” **237**
39. “TERRORISTA VAI CASAR NA PRISÃO” **249**
40. “QUAL É A PRÓXIMA TAREFA?” **259**
41. O PONTO DE VISTA É FUNDAMENTAL **265**
42. HOTEL DE TRÂNSITO **269**
43. GRAVIDEZ INTERROMPIDA **276**
44. O ENCONTRO CLANDESTINO EM MINAS **284**
45. “É ESSE FILHO DA MÃE MESMO” **291**
46. O EXÉRCITO SABIA **295**
47. O SILÊNCIO DO CAPITÃO **300**
48. O AMOR DE UM FILHO PELO PAI **302**

## **PARTE 3**

49. “AFASTA DE MIM ESTE CÁLICE” **309**
50. “ELES CHAMAVAM ATÉ DE MADRUGADA” **317**
51. FALTA INSTITUCIONALIZADA DE MEMÓRIA **323**

52. "PARA SER CURADOR EU TERIA QUE TER ASSINADO" **329**  
53. A BATIDA DO CARRO E O UNIVERSO INVISÍVEL **334**  
54. FRENTE A FRENTE COM O CURADOR **338**  
55. "É, ESTÁ ESTRANHO. DEVEIA SER UM CORONEL" **347**  
56. A PROVA NOS AUTOS: OS RÉUS ACUSAM **357**  
57. FRENTE A FRENTE COM O TORTURADOR **374**  
58. UMA NOITE INTERMINÁVEL **399**  
59. "MEUS PAIS MILITARAM CONTRA A DITADURA COMUNISTA" **403**  
60. EM BUSCA DO DIÁLOGO **408**  
61. "MATHEUS? EU SOU GUILHERME" **417**

OLHAR DO TEMPO **427**

NÃO AGRADECIMENTO **433**

AGRADECIMENTOS **435**

CRÉDITOS DE OBRAS CITADAS **441**

VOTE NULO  
ABRILHO ADITADURA

## APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de uma interminável espera, de uma busca insistente e de uma difícil viagem ao passado dos meus pais e do Brasil. Desse esforço nasceu uma reportagem postada em 2015 no site Brio, no qual se testou um formato de texto longo entremeado por vídeos e fotos. Aqui apresento mais do que a reportagem porque minhas buscas não cessaram após sua publicação. Assim, o texto foi ampliado, com novos desdobramentos e novas descobertas sobre esse passado vivido em meio à Guerra Fria e à ditadura militar brasileira.

O fio condutor compreende o meu entendimento da prisão e da tortura sofridas por meus pais, a angústia que isso me provocou, a procura por documentos oficiais e a investigação, até encontrar aquele que os delatou aos militares. Narro também a visita que fiz a um dos locais em que meu pai esteve preso, na mesma época que minha mãe, e a árdua peregrinação atrás dos torturadores, a mais sofrida e fatigante. Por isso este livro está em primeira pessoa. É o relato da minha procura.

O sentimento que esteve comigo durante toda a apuração foi o de tentar entender a geração que me antecedeu, suas aflições, seus

erros e, ainda, o contexto em que essa luta se deu. Queria entender a violência do autoritarismo para “chegar a uma conciliação com a realidade”, como ensina a filósofa alemã Hannah Arendt no ensaio “Compreensão e política”. Compreender, diz, não significa, necessariamente, desculparmos qualquer ato, “mas nos reconciliarmos com o mundo em que essas coisas foram possíveis”.

Ao reconstituir a história dos meus pais, cresceu diante de mim o olhar perdido e aflito de um grupo de jovens prisioneiro na armadilha de um tempo de radicalização política no país. É uma viagem pessoal e familiar, mas, também, a de um cidadão brasileiro que nasceu quando a ditadura perdia a força e se preparava para extinguir o AI-5, o golpe dentro do golpe, aceitando a Anistia feita sob o comando e o interesse dos militares.

A primeira lembrança política da minha vida, eu ainda pré-adolescente, com doze anos, já foi na democracia: uma mobilização durante a campanha para as eleições diretas à Presidência, em 1989, quando o “meu candidato”, digamos assim, não chegou ao segundo turno. Não vi a ditadura face a face, mas fui visitá-la várias vezes em apurações para reportagens que se tornaram frequentes na minha carreira de jornalista, em entrevistas com torturadores e torturados e, por fim, no mergulho do qual resultou este livro. Quero ressaltar, mais uma vez, que a perspectiva da minha lente é a de uma geração pós-ditadura mirando aquela que a viveu.

O resgate do passado é feito lentamente no Brasil e muitos fatos permanecem recobertos pelo silêncio forçado e irremissível das Forças Armadas. Nem a Comissão Nacional da Verdade — instalada pelo governo em 2012 para examinar as violações dos direitos humanos no âmbito político — conseguiu retirar completamente o véu que encobre os crimes da ditadura militar. O veto permanece e mostra a força da direita no Brasil, que, unida aos militares, tornou-se imbatível por vinte e um anos, de 1964 a 1985.

Apesar de agir nas sombras, essa força é perceptível ainda hoje, mesmo sem lentes, tanto tempo depois. Prova disso é que os papéis com as informações sobre os militantes mortos e desaparecidos nunca foram entregues a seus familiares por Exército, Marinha e Aeronáutica. Trata-se de uma musculatura violenta que vai além dos militares e se soma a uma parte da sociedade civil, incluindo empresários. Eles atuaram no maior *cover up* de crimes imprescritíveis e contra a huma-

nidade no país, protegidos pelo muro de uma Anistia que deveria ter sido derrubado há anos. Pois, no Brasil, ela perdoou principalmente os militares. E eles se aferram a isso até o fim para evitar processos.

A dor da família dos que morreram é bem maior do que a da minha parentela. Meus pais sobreviveram, apesar de terem sido profundamente marcados. Aos que nos feriram, afirmo que só existe superação do erro quando há o reconhecimento, o pedido de desculpas e alguma consequência pelos atos praticados. Ainda hoje, no entanto, os quartéis ensinam aos jovens militares uma versão daqueles anos distante da verdade.

Apesar de ser um não nascido quando tudo isso se passou, o reencontro com o passado ocorreu num presente em que tenho filhos, aos quais quero contar a história da geração dos seus avós. Escrevo para que meus filhos não se esqueçam da luta dos meus pais. Tento ser esse elo no tempo para que ela nunca se perca.



# PARTE 1



## AUTO DE APRESENTAÇÃO E APREENSÃO

Aos três dias do mês de dezembro de mil novecentos e setenta e dois, nesta cidade de Vitória/Espírito Santo e na sede da Divisão de Polícia Federal, perante o Doutor Ayrton Marques Mendes, Inspetor de Polícia Federal, comigo escrivão, ao final assinado, compareceu- SEBASTIÃO RODRIGUES DE BARROS, Agente Auxiliar de Polícia Federal, lotado nesta Divisão, e, em presença das testemunhas José Maria Beiriz e Jubal Nogueira, ambos lotados nesta D.P.F., apresentou o material subversivo abaixo discriminado, que foi arrecadado na residência do indivíduo MARCELO AMORIM NETO, no Morro da Piedade, sem número, nesta Capital, fato ocorrido no dia de hoje, às nove horas, em conformidade com o mandado de busca e apreensão retro: - (1) três exemplares do panfleto denominado: " A CLASSE OPERÁRIA", mimeografados, sendo um referente ao mês de agosto de 1972 e os outros dois referentes ao mês de outubro de 1972; - (2) vinte e oito panfletos, mimeografados, denominados: " A LUTA DO POVO", sendo doze referentes aos meses de agosto/setembro de 1972 e os demais referentes ao mês de outubro de 1972; - (3) sete exemplares de "O ESCURÁPIO", sendo um, referente ao mês de setembro de 1971 e os demais referentes aos meses de agosto e setembro de 1972; - (4) seis panfletos, mimeografados, intitulados: " CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL"; - (5) um livreto de capa grenat, intitulado: " GUERRA POPULAR, CAMINHO DA LUTA ARMADA NO BRASIL", contendo cinquenta e duas páginas; - (6) um livreto intitulado: " SOBRE A CONTRADIÇÃO", contendo quarenta e três páginas; - (7) um exemplar, mimeografado, do panfleto: " IMPULSIONAR E ELEVAR O NÍVEL DAS AÇÕES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL", numerado, de um a dez; - (8) um exemplar do panfleto, mimeografado, com o título: " SOBRE A DITADURA DEMOCRÁTICA POPULAR"; - (9) um exemplar do panfleto, mimeografado, intitulado: " PLATAFORMA REVOLUCIONÁRIA E ESTATUTOS DO PARTIDO", contendo vinte e três páginas; - (10) um exemplar do panfleto intitulado: "SOBRE A CONTRADIÇÃO" contendo quarenta e três páginas; - (11) um livreto com o seguinte título: " UNIÃO DOS BRASILEIROS PARA LIVRAR O PAIS DA CRISE, DA DITADURA E DA AMEAÇA NEOCOLONIALISTA", datado de junho de 1966, contendo setenta e três páginas; - (12) um exemplar do panfleto: " ESTUDAR EM MEMÓRIA DE NORMAN BETHUME". - Nada mais havendo mandou a Autoridade encerrar o presente auto que,

# 1. **MATEUS**

O ano era o de 1969. Mas o começo desta história só foi relatado vinte anos depois, em 1989, quando o Brasil se preparava para a primeira eleição presidencial direta pós-ditadura. Um pré-adolescente ouvia atento o pai descrever sua entrada, aos dezenove anos, na militância de um partido clandestino contrário ao regime militar. Era como se lutava contra a ditadura, às escondidas. Dessa primeira conversa, três palavras ficaram gravadas:

“Perseguição.”

“Prisão.”

“Porão.”

O menino que ouvia era eu, e o jovem que militava, cheio de ideais libertários, meu pai. Lembro-me vagamente do relato, feito no sofá de casa, em Brasília, após o jantar, entre livros e retratos que marcavam a história dele e de nossa família. Aos doze anos, palavras como aquelas me soavam estranhas, injustas, de certa forma etéreas. À época, eu nem sabia direito o que significavam. Mas começava a aprender sobre uma luta comovente de resistência contra um regime opressor que cerceava direitos civis. A palavra “tortu-

ra”, para mim o pior de todos os substantivos, não foi mencionada naquele dia.

Antes dessa conversa com meu pai, minha mãe fizera algumas menções à prisão de ambos, porém eu, por alguma razão, não registrara. Talvez porque o assunto fosse pesado demais para uma criança, talvez porque até então ninguém houvesse parado para me contar os fatos com a profundidade e a solenidade que percebi naquele momento. A verdade sobre os pais, a que todo filho procura saber, estava apenas começando a surgir... Imponente, misteriosa e instigante. Nesse dia, do nada ele decidiu me contar aquilo.

Antigo presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória, meu pai, Marcelo Amorim Netto, tinha uma pequena careca e um cabelo ralo no centro da cabeça quando contou aquela história, aos trinta e nove anos. Parecia distante daquele jovem cabeludo, baixo, queimado de sol e com o corpo definido pela natação que tivera destaque no movimento estudantil capixaba.

No final dos anos 1960, as universidades brasileiras eram foco de resistência política em um ambiente disputado por organizações radicais de esquerda, na busca de novos braços para uma guerra extremamente desigual contra o regime militar. Mas, no dia 13 de dezembro de 1968, o governo baixou o Ato Institucional número 5, o AI-5, e o regime entrou em seu período mais opressivo. De 1969 em diante, torturaria mais, mataria mais. Não era hora de se opor a ele.

Em certa noite daquele 1969, oito anos antes do meu nascimento, o jovem Marcelo, apreensivo e tenso, andava pelas ruas de Vitória para o seu primeiro encontro com o chefe local do Partido Comunista do Brasil, o ПСДОВ. Esse chefe era um líder operário, e essa expressão soava mágica para os estudantes, mesmo os de classe média baixa, caso de Marcelo. Ser operário representava autoridade. Afinal, a ideia era inverter a ordem na sociedade de classes e construir um governo do proletariado. Objetivo número um do comunismo.

Foi nessa primeira conversa com meu pai que ouvi o nome desse líder. Um som que logo atçou minha curiosidade, por sua composição única, sonora e estranha. O nome poderia ser árabe, ou lembrava a pronúncia de latim. Parecia também outra coisa, talvez um palavrão. Lembro-me de repetir mais de uma vez e de checar para ter certeza de que meu pai acertara aquele somido. Mas estranho

mesmo foi saber que o meu nome surgiu de uma escolha desse líder operário durante uma conversa em um “ponto” — como eram chamados os encontros secretos dos esquerdistas contrários à ditadura.

— Seu codinome, então, será *Mateus* — comunicou o dirigente ao meu pai, fazendo o seu batismo comunista.

*Mateus?* O nome de guerra do meu pai, o nome pelo qual ele se tornaria conhecido em sua luta seria *Mateus?* O meu nome? Enganchou. A história físgou o meu interesse como um peixe que morde a isca e não consegue livrar-se do anzol, bem enfiado, por dentro, até o lado de fora de sua boca. Eu poderia lutar, me debater, mover-me para um lado ou para outro. Mas ela sempre estaria lá, a história. E com ela aquele nome esquisito do chefe local do ПСДОВ.

Tudo começou naquela caminhada de meu pai ao encontro desse líder operário. Ouvindo Marcelo, eu me sentia como se estivesse sendo arrastado por uma linha tênue, porém tensa, entre a minha própria história e a dos meus pais. Ou essa seria também a minha história, de certa forma? O peixe, no caso eu, teve sua vida até os dias atuais influenciada por essa e outras conversas sobre a ditadura militar brasileira. A linha condutora parecia ser a que segurava a isca com aquele estranho nome, que acertou o meu corpo e puxou-me ao passado dos meus.

## 2. PEITO DE POMBO

Meus pais sempre foram discretos, fechados e de poucas palavras sobre o que se passou com eles na ditadura. Não havia respostas fáceis. Vez ou outra, surgiam pistas. Lembro-me de um dia questionar minha mãe, a jornalista Míriam Leitão, sobre a origem do meu nome. Míriam contou, com olhos alegres e orgulho, que, no dia em que nasci, Marcelo perguntou:

— Qual será o nome?

— Matheus, claro — ela respondeu.

O nome de batismo só foi decidido ali, e com um *h* a mais, quando ele me segurou nos braços pela primeira vez. Não houve dúvidas ou discussões. Pareceu óbvia ao meu pai a escolha daquele codinome que sempre estivera entre eles.

Apenas quinze dias depois de nascido, sofri a primeira crise respiratória. A asma resistente não me largou por muito tempo. Quando criança, tomei algumas vezes injeção de adrenalina ao entrar com crises agudas nas emergências de hospitais. Sou capaz de passar um dia inteiro calado, sem soltar uma única frase. A minha respiração basta. Falo disso por um motivo. Já na adolescência, quando ela me

atacava — o que acontecia mês sim e outro também —, eu pensava na falta de ar que meus pais devem ter sentido na prisão. Pensava neles presos, jovens, desamparados, totalmente dominados pelos militares. A asma só foi embora quando eu tinha vinte anos, mas deixou como sequelas um “peito de pombo” e um andar um pouco curvado.

Durante todos esses anos, o tema ditadura e as mazelas que meus pais sofreram eram trazidos à tona somente quando eu perguntava. Confesso que não entendia o motivo para tanto segredo, tanto silêncio. Aprendi devagar: era mais circunspeção que sigilo. Aos poucos, todavia, as informações foram surgindo. Meu tio Márcio, irmão de meu pai, me contou certa vez que um dia o encontrou muito deprimido na prisão, pensando em se matar.

A assustadora palavra “tortura”, que o levava a pensamento tão desesperado, foi a última a aparecer nesses momentos em que eu colhia retalhos do passado. Mas surgiu, tanto em diálogos com familiares como em conversas reservadas com minha mãe, ou com meu pai, em ocasiões distintas. Transformei aquilo no meu quebra-cabeça particular, no qual cada peça era revelada aos poucos.

Tapas, cachorros ferozes, cobras em quartos escuros, assédio sexual contra minha mãe grávida, passeios noturnos sem saber para onde, ameaças de estupro e morte...

— Eu posso te matar, sabia? — disse um militar de olhos azuis com o revólver apontado contra a cabeça da jovem Míriam, de dezenove anos.

— Sim, você pode — respondeu ela, mas não houve o tiro.

Aquela foi uma das cenas que ela guardou para sempre porque foi quando entendeu pela primeira vez — haveria outros momentos assim — que a vida na época estava por um fio. De pé, no corredor central do quartel onde ficou presa, Míriam aguardava para entrar em uma das salas de interrogatório. O oficial chegou, sacou a arma e, subitamente, colocou o cano em sua frente. Diante do que ele havia dito, ela o olhou. Gravou os olhos azuis e a frieza daquele homem — nunca identificado. E se sentiu muito só. Descobriu de forma profunda que se ele apertasse o gatilho bastava depois desaparecer com o corpo dela ou inventar a versão do “resistiu à prisão”. Quando ela disse “sim, você pode”, era isso mesmo que queria dizer. O militar tinha esse poder, porque numa ditadura é assim. Os dois sustentaram o olhar por um tempo indefinível. Ele abaixou a arma e saiu.

Meus pais foram presos juntos, em Vitória, no dia 3 de dezembro de 1972. Socos, chutes, porradas, roleta-russa. Após cerca de três meses, Marcelo foi levado clandestinamente da prisão no 38º Batalhão de Infantaria, em Vila Velha, na Região Metropolitana de Vitória, para outra prisão, no Rio de Janeiro, algemado como canguejo, com pernas e braços enganchados nos dos companheiros, um de cada lado.

No Rio, ele não ficou em uma prisão qualquer, onde abusos praticados na carceragem pudessem passar despercebidos por descuido das autoridades locais. Marcelo foi confinado no 57º Batalhão de Infantaria Motorizado — Regimento Escola de Infantaria (REI), localizado em Deodoro, na Vila Militar, simplesmente o maior aquartelamento da América Latina. Ao todo ficou encarcerado no REI por quase dez meses, sendo que a maior parte do tempo — cerca de nove meses — em um cubículo de dois metros por dois, onde cabiam a cama e um vaso sanitário no chão que se usa agachado, o “boi”. Sobrava um pedacinho de espaço, no qual procurava fazer exercícios regularmente para manter alguma rotina. Ficou sem banho de sol, sem nada para ler, sem conversar, com visitas de apenas meia hora por semana — ou nem isso, porque às vezes ninguém da família podia viajar até o Rio. Houve períodos em que pensou estar doido.

Num dado momento, meu pai fez greve de fome, e só assim conseguiu ter acesso ao censurado Caderno B, o suplemento de cultura do *Jornal do Brasil*, e a um aparelho de rádio. Lendo o jornal remendado e ouvindo o rádio, tentou sobreviver. Ele tinha vinte e dois anos quando foi preso.

Marcelo é mais fechado do que minha mãe sobre esse tempo. Com esforço, arranquei dele os detalhes dessa viagem para o Rio. Ele foi com os olhos vendados. Viajou metade de um dia, uma sexta-feira, o tempo todo sem saber para onde. O comboio militar deixou Vila Velha em alta velocidade e fortemente armado. Meu pai estava no banco de trás. Viajava no meio, preso a Jorge Luiz de Souza, o *Onofre*, e a Gustavo Pereira do Vale Neto, o *Ernesto*, companheiros de faculdade, igualmente enquadrados como subversivos pelos militares. O companheiro Adriano Sisternas, o *Bento*, também estava no comboio. Cabos e sargentos armados com metralhadoras e revólveres estavam na frota formada por Veraneios usadas pela repressão. Tudo feito de surpresa. Um dia, sem informação prévia e sem avisar

às famílias, tiraram os jovens das celas, no Espírito Santo, e saíram para um percurso de aproximadamente quinhentos quilômetros.

No meio da viagem, uma encenação macabra. Os militares pararam os carros no acostamento. Puxaram os prisioneiros para fora e andaram com eles uns dez passos para dentro da mata. Quando retiraram suas vendas, eles viram apenas metralhadoras perto de seus rostos e pensaram o pior. Mas não era um fuzilamento. Era apenas uma parada para uma ida ao banheiro. Naqueles minutos, eles tremeram.

Ao chegar ao Rio, o grupo foi levado para as solitárias da Polícia do Exército da Vila Militar, onde presos políticos eram torturados e encaminhados para uma espécie de “geladeira”, conforme era chamada por eles a cela ladrilhada, sem quina, arredondada. Não havia pia, somente o “boi”, de onde também tiravam água para beber. Marcelo e Gustavo foram jogados na “geladeira” sem as roupas, somente de cuecas. De noite, para amenizar o frio, eles se abraçavam para dormir. A porta da “geladeira” era de folha de flandres, uma espécie de chapa laminada de aço, ferro e estanho que ia quase até o teto.

Durante toda a madrugada, naquele fim de semana, quando os quartéis têm o expediente restrito, os dois sofreram ainda uma espécie diferente de tortura: a sonora. Os militares davam pancadas na porta para que as placas de metal reverberassem internamente na “geladeira”. À noite, era comum ouvirem gritos de dor que depreendiam partir de outros presos sendo torturados.

Como meu pai, Jorge Luiz, Gustavo do Vale e Adriano Sisternas faziam parte do Comitê Regional do pcdob no Espírito Santo e seriam, posteriormente, condenados a pouco mais de um ano de prisão. Marcelo, quartanista de Medicina, seria expulso da faculdade. A ditadura interrompeu seu projeto de ser médico, mas meu pai se realizou na profissão de jornalista. Jorge Luiz, que, ao ser preso, colaria grau em Economia em três dias, também abraçou o jornalismo. Extremamente magro, Gustavo suportou com dificuldade o tempo de prisão e, depois, teve que travar uma dura batalha para voltar a estudar e se tornar médico. O que fez com sucesso. Sisternas enfrentou a mesma luta para se formar em Engenharia na Ufes. Exerceu a profissão a vida inteira e deu aulas por alguns anos na própria universidade.

Este relato parece desorganizado no tempo. Mas foi assim mesmo que essas lembranças me foram descritas. Eu colhia retalhos daqui e dali. Não havia retratos arrumados de forma linear, apenas histórias dos pais contadas a um filho curioso e perguntador.



000291

QUALIFICAÇÃO

FICHA DE QU



*Julart*

Andei pelo batalhão procurando alguma coisa. Entrei por portas que não devia. Subi escadas e achei uma cela que, pela descrição de minha mãe, supus ser aquela na qual ela ficou trancafiada nos primeiros dias. Encostei a boca na porta e disse, como se minha voz pudesse atravessar o tempo até 1972:

— Perdão por ter chegado tão tarde.

NOME: MARCELO AMORIM NETTO  
SOPRINOME: "MATEUS"  
FILIAÇÃO: Volgano Neto  
Mãe: Maria da Natividade

ALMEIDA LEITÃO

da Leitão

o de Almeida Leitão

de abril de 1953

MG

DE NASCIMENTO: 06 de junho

NATURALIDADE: Vitória-ES

ESTADO CIVIL: SOLTEIRO

PROFISSÃO: Estudante do 4º Ano

"INDISPENSÁVEL. ENSINA QUE SE PODE PERDOAR, MESMO SENDO DIFÍCIL, MAS ESQUECER JAMAIS."

Zuêhir Ventura

"UM GRITO DE AMOR E DE PROTESTO NUMA REPORTAGEM OBSTINADA QUE REÚNE O QUE O JORNALISMO TEM DE MELHOR. HISTÓRICO."

Lillian Witte Fibe

Escadaria da Fieda

Vive maritalment

Integrante do CR

culdade de Medic

Obs. Usa óculos de grau.

CLASSIFICADOR PESQUISADOR R. GERAL

ITÃO

*de Almeida Leitão*

POLEGARES

ORIGEM DATA CLASSI

NOME: MARCELO AMORIM NETTO

ASSINATURA: *Marcelo Amorim Netto*  
MÃO ESQUERDA

ISBN 978-85-510-0159-2



9 788551 001592

www.intrinseca.com.br

